



S.E. Hinton



The  
OUTSIDERS

TRADUÇÃO DE

Ana Guadalupe

  
intrínseca

Vidas  
SEM RUMO

# NOTA da AUTORA

## Cinquenta anos.

É difícil acreditar que já faz cinquenta anos desde a primeira edição de *The Outsiders*. No ano anterior à publicação, tinha assinado o contrato com a editora e, quase dois anos antes disso, eu o escrevera. Então mal consigo me lembrar de um momento em que este livro não tenha feito parte da minha vida.

Escrever fez parte da minha vida desde o terceiro ano do fundamental. Sempre fui uma contadora de histórias.

Eu costumava começar minhas entrevistas com “Escrevi *The Outsiders* aos quinze anos”. (Meu primeiro rascunho tinha quarenta páginas, em espaçamento simples. Aprendi sozinha a datilografar quando estava no sétimo ano, ao me dar conta de que se eu não conseguia ler minha caligrafia, ninguém mais conseguiria.) Então mudei a frase para “Escrevi *The Outsiders* aos seis anos”. Às vezes acho que o escrevi em outra vida, anterior à atual.

A repercussão do livro foi impressionante. Recebo cartas de pessoas de todos os cantos dos Estados Unidos, e também de dezenas de outros países. Leitores de dez a setenta

anos. Cartas de presidiários e policiais. De professores, assistentes sociais, avós.

E, é claro, de adolescentes. Adolescentes que vivem como os personagens de *The Outsiders*. Adolescentes que nem imaginam como seria viver como os personagens de *The Outsiders*. Adolescentes que leem sem parar. Outros que nunca tinham lido um livro até o fim.

Ao que parece, se sentir deslocado mesmo em seu grupo de amigos é uma experiência universal. “Estamos juntos contra eles” e “vamos nos entender, não nos odiar” são conceitos que todo mundo, pouco importa a idade, pode compreender.

As cartas que dizem “adorei o livro” são boas, as que dizem “nunca gostei de ler, e agora leio o tempo todo” são melhores ainda. No entanto, as que dizem “*The Outsiders* mudou minha vida” e “li seu livro quinze anos atrás e hoje percebo como a história influenciou minhas escolhas” me assustam, para ser sincera.

Muitas vezes sinto que *The Outsiders* precisava ser escrito, e que fui escolhida para escrevê-lo. Sem dúvida o livro fez bem às pessoas de um jeito que eu nunca teria conseguido em minha vida pessoal.

Se transpareceu nessa mensagem que a emoção é grande por conta de cinco décadas de uma incrível recepção ao que começou como um conto que decidi escrever aos quinze anos, bom, acho que é isso mesmo.

Permaneça dourado.

A handwritten signature in black ink that reads "S. E. Hinton". The letters are cursive and fluid, with a large, sweeping 'H' and 'I'.

*Para Jimmy*



# Capítulo

Q

uando saí do breu do cinema para a claridade do sol forte, eu só conseguia pensar em duas coisas: em Paul Newman e em arranjar uma carona para casa. Eu queria ser parecido com Paul Newman — ele tem cara de durão, eu não —, mas acho que o meu visual não é tão ruim assim. Meu cabelo é castanho-claro, quase ruivo, e os olhos acinzentados, meio verdes. Queria que fossem mais para o cinza, porque detesto quase todos os caras de olhos verdes que conheço, mas preciso me contentar com o que tenho. Meu cabelo é mais comprido do que o da maioria dos garotos, um corte meio batido na parte de trás e maior na frente e dos lados, mas eu sou um Greaser,\* e no meu bairro é raro alguém se importar com isso de cortar o cabelo. Além do mais, eu fico melhor de cabelo comprido.

---

\* *Greaser: subcultura que se tornou popular nas décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos, predominantemente entre jovens de classe baixa e da classe trabalhadora. Eram conhecidos pelo estilo associado ao rock'n'roll e ao rockabilly, e usavam cabelo comprido penteado com brilhantina. Atraiu a classe média por conta da postura rebelde; no entanto, o termo também era usado de forma pejorativa. (N.E.)*

Eu tinha uma longa caminhada pela frente, e ninguém para me fazer companhia até em casa, mas sempre vou ao cinema sozinho mesmo, porque gosto de ver filmes sem nenhuma distração, para conseguir entrar na história e viver cada momento com os atores. Quando vejo um filme com outra pessoa é meio incômodo, como se alguém estivesse tentando ler meu livro por cima do ombro. Eu sou meio diferente nisso. É que o meu irmão que vem depois do mais velho, o Soda, tem dezesseis anos, quase dezessete, e nunca nem encostou num livro, e meu irmão mais velho, Darrel, que a gente chama de Darry, trabalha demais para se interessar por qualquer história ou por desenhar, então eu não sou igual a eles. E ninguém na nossa gangue curte filmes e livros como eu. Teve uma época que eu pensava que era a única pessoa no mundo que curtia. Então eu ficava na minha.

Soda pelo menos tenta entender, coisa que Darry não faz. Se bem que Soda é diferente; ele entende tudo, ou quase tudo. E não fica o tempo todo gritando comigo que nem Darry, nem me trata como se eu tivesse seis anos em vez de quatorze. Soda é a pessoa que mais amo no mundo, mais até do que minha mãe e meu pai. Ele está sempre feliz da vida, com um sorriso no rosto, enquanto Darry é duro e seco e quase nunca dá risada. Mas é que Darry passou por muita coisa e amadureceu muito rápido, apesar de só ter vinte anos. Sodapop nunca vai amadurecer. Não sei o que é melhor. Qualquer dia desses eu descubro.

Enfim, fui andando para casa, pensando no filme, e de repente desejei ter alguém junto comigo. Um Greaser não pode ficar andando sozinho, porque é capaz de acabar levando uma surra, ou alguém pode aparecer gritando “seu Greaser seboso!”, o que não faz ninguém se sentir muito bacana, se é que você me entende. Quem sempre tenta bater

na gente são os Socs. Não sei como se escreve, mas é uma abreviação para *socials*, os playboys, os filhinhos de papai do lado oeste da cidade. É que nem o termo *greaser*, que eles usam para classificar a gente, o pessoal do lado leste.

A gente é mais pobre que os Socs e que a classe média. Acho que é mais barra-pesada também. Não que nem os Socs, que vão para cima dos Greasers e invadem casas, quebram tudo, enchem a cara de cerveja só para tirar sarro e aparecem no jornal como vergonha pública num dia e como os mocinhos no outro. Greasers são quase os bandidos; a gente rouba as coisas, dirige carros velhos com o motor envenenado, assalta postos de gasolina e de vez em quando se mete numas brigas de gangue. Não estou dizendo que eu faço essas coisas. Darry ia me matar se eu arranjasse confusão com a polícia. Desde que nossos pais morreram num acidente de carro, nós três só podemos continuar juntos se mostrarmos bom comportamento. Então Soda e eu fazemos de tudo para evitar confusão, e tentamos não ser pegos no flagra quando não tem jeito. Só estou dizendo que a maioria dos Greasers faz essas coisas, que nem usar o cabelo comprido, jeans e camiseta para fora da calça. Também usamos jaqueta de couro, tênis ou bota. Não estou dizendo que os Socs são melhores que os Greasers ou vice-versa; as coisas simplesmente são assim.

Eu podia ter esperado para ir ao cinema quando Darry ou Sodapop saísse do trabalho. Eles teriam ido comigo, ou me levado de carro, ou ido comigo a pé, apesar de Soda não conseguir parar quieto para curtir um filme e Darry achar cinema um porre. Ele acha que a própria vida basta e que não precisa fiscalizar a dos outros. Ou eu poderia ter chamado alguém da gangue para ir junto, um dos quatro caras com quem eu, Darry e Soda crescemos e que consideramos



parte da família. Somos quase tão próximos quanto irmãos; quando você cresce numa vizinhança unida como a nossa, todo mundo acaba se conhecendo bem pra caramba. Se eu tivesse pensado melhor, poderia ter avisado Darry, e ele teria passado para me pegar na volta para casa, ou Two-Bit Mathews — outro cara da nossa gangue — teria vindo me buscar de carro, se eu pedisse, mas às vezes eu esqueço de usar a cabeça. Meu irmão Darry fica louco quando apronto dessas, porque era para eu ser inteligente; eu tiro nota boa, tenho QI alto e coisa e tal, só que eu não uso a cabeça. Além do mais, gosto de andar.

Mas comecei a achar que não gostava tanto assim quando vi aquele Corvair vermelho me seguindo. Eu estava a quase duas quadras de casa, então apertei o passo. Eu nunca tinha levado porrada na rua, mas já tinha visto quatro Socs pegando o Johnny de jeito, e a coisa foi feia. Depois ele ficou com medo até da própria sombra. Na época, o Johnny tinha dezesseis.

Eu sabia que não ia adiantar nada — essa coisa de andar mais rápido, digo — antes mesmo de o Corvair encostar do meu lado e os cinco Socs saírem do carro. Fiquei com medo — sou meio mirrado para a minha idade, apesar de até ser forte, e aqueles caras eram maiores que eu. Na mesma hora enfiei as mãos nos bolsos e encolhi os ombros, me perguntando se conseguiria escapar se saísse correndo. Me lembrei do Johnny, do rosto dele todo cortado e machucado, e lembrei que ele chorou muito quando o encontramos quase desmaiado no terreno baldio da esquina. A situação na casa do Johnny era bem barra-pesada, não era fácil fazer o cara chorar.

Comecei a suar feito um condenado, mesmo estando com frio. Senti minhas mãos ficarem úmidas e o suor des-

cer pelas costas. Eu fico assim quando estou morrendo de medo. Olhei em volta procurando uma garrafa de refrigerante, um pedaço de pau ou qualquer coisa — uma vez o Steve Randle, melhor amigo do Soda, conseguiu afastar quatro caras com uma garrafa quebrada de refrigerante —, mas não vi nada. Então fiquei lá parado feito um tonto, e eles me cercaram. Eu não sei usar a cabeça. Eles foram me cercando sem pressa, sossegados, sorridentes.

— E aí, seboso — disse um deles, com simpatia exagerada. — A gente vai te fazer um favor, Greaser. A gente vai cortar esse seu cabelo oleoso bem curtinho.

Ele estava de camisa xadrez. Até hoje vejo aquela camisa na minha mente. Um xadrez azulado. Um deles riu, depois me xingou em voz baixa. Não consegui pensar em nada para dizer. Não tem muita coisa que você possa dizer enquanto espera levar uma surra, então fiquei de boca fechada.

— Tá precisando cortar o cabelo, Greaser?

O cara loiro meio baixo tirou um canivete do bolso de trás e abriu a lâmina.

Enfim pensei em alguma coisa para falar:

— Não.

Dei um passo para trás, tentando sair de perto daquele canivete. Claro que trombei em um dos caras. Eles me derubaram num segundo. Imobilizaram meus braços e pernas, e um deles sentou no meu peito com os joelhos apoiados nos meus cotovelos, e só um doido pensa que isso não dói. Senti o cheiro da loção pós-barba e o bafo azedo de cigarro dele, e me perguntei, ingênuo, se ia morrer sufocado antes de começarem a me bater. Estava com tanto medo que até torci para isso acontecer. Me debati, tentando me soltar, e por um instante quase consegui, mas aí eles me seguraram com mais força, e o cara que estava sentado no meu peito me bateu algumas

vezes. Então só fiquei parado, xingando e tentando respirar. Encostaram a lâmina na minha garganta.

— Que que você acha de começar o corte de cabelo um pouco abaixo do queixo?

Nessa hora eu percebi que era capaz de eles me matarem mesmo. Perdi o controle. Comecei a gritar chamando Soda, Darry, qualquer um. Alguém tapou minha boca com a mão e eu morde com toda a força, sentindo o sangue escorrer entre os dentes. Ouvi um palavrão abafado, e alguém me bateu de novo. Então enfiaram um lenço na minha boca. Um deles não parava de falar “faz ele calar a boca, pelo amor de Deus, faz ele calar a boca!”.

Aí ouvi gritos e passos pesados, e os Socs sumiram e me deixaram ali deitado, sem ar. Fiquei imaginando o que estava acontecendo — tinha gente pulando por cima de mim e passando correndo, e eu estava atordoado demais para entender qualquer coisa. De repente alguém me segurou por baixo dos braços, me puxou e me fez levantar. Era o Darry.

— Tá tudo bem com você, Ponyboy?

Ele estava me chacoalhando; e eu queria que ele parasse. Já estava zozzo, não precisava piorar. Mas eu sabia que era o Darry — em parte por causa da voz, mas também porque Darry sempre é grosso comigo sem querer.

— Tô bem. Para de me sacudir, Darry, eu tô bem.

Ele parou na mesma hora.

— Desculpa.

Mas na verdade ele não estava nem aí. Darry nunca se arrepende das coisas que faz. Acho engraçado, porque fisicamente ele é igualzinho ao meu pai, mas no jeito é o oposto. Nosso pai tinha só quarenta anos quando morreu, mas parecia ter vinte e cinco, e muita gente pensava que o

Darry e ele eram irmãos, em vez de pai e filho. Mas só a cara que era a mesma — meu pai era grosso com os outros só quando queria mesmo ser.

Darry tem quase 1,90 metro, ombros largos e é muito musculoso. Tem o cabelo castanho-escuro armado na frente e um leve redemoinho na parte de trás, que nem o nosso pai, mas os olhos do Darry são só dele. Mais parecem dois pedaços de gelo azul-turquesa, bem claros. O olhar dele tem um jeitão firme, como tudo nele. Parece ter mais de vinte anos — é durão, bacana e esperto. Seria bem bonitão se os olhos não fossem tão frios. E não entende nada que não seja um fato comprovado. Mas sabe usar a cabeça.

Sentei, passando a mão na bochecha, bem onde tinham batido mais.

Darry colocou a mão no bolso.

— Não te machucaram muito, né?

Machucaram, sim. Eu sentia tudo ardendo e latejando, meu peito doía, e eu estava tão nervoso que minhas mãos tremiam e eu queria chorar, mas não tinha como dizer isso para o Darry.

— Tô bem.

Sodapop chegou correndo. A essa altura, entendi que aquele barulhão todo que eu tinha ouvido era a gangue chegando para me salvar. Ele se abaixou do meu lado num movimento brusco, examinando a minha cabeça.

— Te cortaram, né, Ponyboy?

Eu o encarei com o olhar vazio.

— Cortaram?

Ele pegou um lenço, molhou a ponta na língua e encostou com cuidado na lateral da minha cabeça.

— Você está sangrando feito um porco.

— Estou?

— Olha só! — Ele me mostrou o lenço, tingido de vermelho como se fosse mágica. — Eles usaram o canivete?

Lembrei da voz falando: “Tá precisando cortar o cabelo, Greaser?”

A lâmina deve ter escorregado quando ele tentou me fazer ficar quieto.

— Usaram.

Soda é o cara mais bonito que eu conheço. Nada a ver com Darry — Soda está mais para galã de cinema, aquele tipo de cara que faz as pessoas pararem na rua só para olhar para ele. Não é tão alto quanto Darry e é um pouco mais magro, mas tem um rosto bem-desenhado e expressivo que parece ao mesmo tempo inconsequente e atencioso. O cabelo loiro-escuro vive penteado para trás — comprido, sedoso e liso —, e no verão fica ainda mais dourado e brilhante por causa do sol. Os olhos dele são castanho-escuros e vivos, parecem dançar e dar risada, gentis e simpáticos num instante e cheios de raiva no outro. São os olhos do nosso pai, mas o Soda é sem igual. Ele é capaz de ficar bêbado disputando racha ou dançando sem botar uma gota de álcool na boca. No nosso bairro, é raro achar um cara que não bebe um pouco de vez em quando. Mas Soda não bebe nada — nem precisa. Ele fica bêbado só de viver. E ele entende todo mundo.

Ele me olhou mais de perto. Desviei o olhar na hora, porque, para ser sincero, ia começar a chorar. Eu sabia que estava pálido e tremendo feito vara verde.

Soda colocou a mão no meu ombro.

— Calma, Ponyboy. Eles não vão mais te machucar.

— Eu sei — falei, mas o chão começou a ficar embaçado, e senti lágrimas quentes escorrendo pela bochecha. Enxuguei o rosto, irritado. — Só levei um susto, só isso.

Soltei um suspiro trêmulo e engoli o choro. Não dá para ficar chorando na frente do Darry, a não ser que você esteja machucado que nem o Johnny ficou naquele dia em que a gente o encontrou no terreno baldio. Comparado ao Johnny, eu não tinha levado nem um arranhão.

Soda bagunçou o meu cabelo.

— Você é um moleque bom, Pony.

Tive que sorrir. Soda consegue arrancar uma risada de qualquer pessoa. Acho que é porque ele mesmo está sempre rindo das coisas.

— Você é doido, Soda. Completamente zureta.

Darry estava com cara de quem queria bater nossas cabeças uma na outra.

— Vocês são dois birutas.

Soda ergueu só uma sobrancelha, um truque que aprendeu com Two-Bit.

— Acho que é coisa de família.

Darry ficou olhando para ele por um segundo, depois abriu um sorriso. Sodapop não tem medo dele como todo mundo e gosta de provocar. Eu preferiria cutucar uma onça, mas, sabe-se lá por quê, parece que Darry gosta das alfinetadas do Soda.

Nossa gangue tinha corrido atrás dos Socs e jogado pedras no carro deles. Agora nosso pessoal estava voltando correndo — quatro caras magros e fortes. Eram todos durões, dava pra ver. Eu tinha crescido com eles, e eles me aceitavam apesar da minha idade, porque eu era irmão caçula do Darry e do Soda, e porque eu sabia ficar de bico fechado.

Steve Randle tinha dezessete anos, era alto, magro e passava muita brilhantina no cabelo para fazer um topete todo complicado. Era convencido e inteligente, o melhor amigo do Soda desde o primário. A especialidade do Steve era car-

ro. Ele conseguia roubar uma calota de pneu mais rápido e silenciosamente do que qualquer outra pessoa no bairro, mas também sabia tudo sobre carro mesmo, tim-tim por tim-tim, e conseguia dirigir qualquer coisa que tivesse rodas. Steve e Soda trabalhavam no mesmo posto de gasolina — Steve em meio período e Soda em período integral —, e o posto deles era mais cheio do que todos os outros da cidade. Só não sei dizer se era porque o Steve sabia tudo de carro ou porque o Soda atraía tanta mulher que parecia feito de mel. Eu só gostava do Steve porque ele era o melhor amigo do Soda. Ele não gostava de mim, achava que eu era um maria vai com as outras, um moleque. Soda sempre me levava junto quando não estavam com alguma garota, e isso irritava o Steve. Não era culpa minha; Soda sempre me convidou, não era eu que pedia. Soda não me acha um moleque.

Two-Bit Mathews era o mais velho e o mais debochado da gangue. Tinha pouco mais de 1,80 metro, era corpulento e sentia o maior orgulho de suas costeletas cor de ferrugem. Tinha olhos acinzentados e um sorriso largo, e nunca parava de fazer piada, nem se fosse para salvar a própria pele. Era impossível fazer o cara calar a boca; ele sempre queria dar opinião sobre tudo. Não valia nada, e ainda tinha essa mania de ficar dando palpite. Até os professores esqueciam que o nome dele era Keith, e a gente nem lembrava que ele tinha nome. A vida era uma grande piada para Two-Bit. Ele tinha ficado famoso por roubar as lojas da cidade e por seu canivete de cabo preto (que nem teria se não fosse pelo primeiro talento), e sempre tirava sarro da cara dos policiais. É que ele não conseguia se segurar. Tudo que falava era tão hilário que se sentia na obrigação de compartilhar para alegrar um pouco a vida sacal dos caras. (Pelo menos foi isso que Two-Bit me explicou.) Ele

gostava de brigar, de garotas loiras e, por algum motivo misterioso, de ir para a escola. Já tinha passado dos dezoito anos e ainda estava no ensino médio, porque nunca aprendia nada. Ele só ia para curtir. Eu gostava dele pra caramba, porque ele sempre fazia a gente rir de si mesmo e de tudo o mais. Ele me lembrava o Will Rogers, aquele comediante, talvez por causa do sorriso.

Mas se eu tivesse que escolher alguém para ser o destaque da gangue, seria Dallas Winston, Dally. Eu gostava de desenhar a cara dele quando ele estava de ovo virado, porque aí eu conseguia capturar a personalidade dele com poucos traços. Dally tinha um rosto meio de elfo, com as maçãs do rosto altas e um queixo comprido, dentinhos pequenos e afiados, meio animais, e orelhas pontudas que pareciam as de um lince. O cabelo era quase branco, de tão loiro, e ele não gostava de cortar nem de passar brilhantina, então os fios ficavam caídos na testa, com uns tufos espetados na parte de trás e uns cachinhos atrás das orelhas e na nuca. Os olhos dele eram de um azul gélido e brilhavam com a raiva que ele sentia pelo mundo inteiro. Dally tinha passado três anos levando uma vida barra-pesada em Nova York e havia sido preso aos dez anos. Ele era mais durão que todos nós — mais durão, mais frio, mais malvado. A linha tênue que diferencia um Greaser de um bandido não existia para Dally. Ele era tão violento quanto os meninos das gangues do centro, quanto a gangue do Tim Shepard.

Em Nova York, Dally descarregava tudo nas brigas de gangue, mas aqui grupos organizados são uma raridade. Só tem uns grupinhos de amigos que andam juntos, e a guerra de verdade acontece entre as classes sociais. Quando marcam uma briga, geralmente é porque dois caras não se bicam, e os oponentes acabam levando os amigos para



ajudar. Ah, algumas gangues da área têm nome, como os River Kings e os Tiber Street Tigers, mas aqui no sudoeste não existe rivalidade entre gangues. Por isso, Dally, apesar de sempre arrumar uma ou outra briga das boas, não tem uma coisa específica para odiar. Não tem uma gangue rival. Só os Socs. E é impossível alguém ganhar deles, não importa quanto você tente, porque eles mandam em tudo, e acabar com os caras na porrada também não adianta. De repente era por isso que Dallas era tão amargo.

Ele tinha uma fama daquelas. Já tinha até ficha na polícia. Foi preso, vivia bêbado, participava de rodeios, mentia, trapaceava, roubava, assaltava os bêbados, tirava dinheiro de criancinhas — ele fazia de tudo. Eu não gostava dele, mas o cara era esperto e todo mundo era obrigado a respeitá-lo.

Por último, e também menos importante, tinha o Johnny Cade. Imagina um cachorrinho preto filhote que já levou chute demais e se perdeu na multidão; o Johnny era exatamente assim. Ele era mais novo, que nem eu, e menor que os outros, mirrado. Tinha olhos pretos grandes, o rosto moreno de sol; o cabelo era preto bem escuro, coberto de brilhantina e penteado de lado, mas era tão comprido que acabava virando uma franja desajeitada cobrindo a testa. Ele tinha um olhar nervoso, desconfiado, e a surra que ele levou dos Socs não ajudou em nada. Ele era o protegido da gangue, o irmão caçula de todos. O pai sempre batia nele, e a mãe fingia que ele não existia, a não ser quando ficava de saco cheio de alguma coisa, e aí dava para ouvi-la gritando com ele lá da nossa casa. Acho que aquilo era pior que apanhar. Ele teria fugido de casa um milhão de vezes se não fosse por nós. Se não fosse pela gangue, o Johnny nunca ia saber o que é receber amor e carinho.

Enxuguei os olhos bem rápido.

— Vocês pegaram os caras?

— Nada. Dessa vez eles se mandaram, os desgraçados...  
— Two-Bit continuou tagarelando, xingando os Socs de tudo quanto é nome que ele sabia ou inventava.

— Tá bem, garoto?

— Tô bem. — Tentei pensar em alguma coisa para dizer. Eu sou um pouco quieto perto das pessoas, mesmo quando são da gangue. Mudei de assunto. — Eu não sabia que você já tava fora do xadrez, Dally.

— Bom comportamento. Saí antes.

Dallas acendeu um cigarro e passou para Johnny. Todo mundo sentou para fumar e dar uma relaxada. Fumar sempre ajuda a aliviar a tensão. Eu tinha parado de tremer e estava até mais corado. O cigarro já estava me acalmando. Two-Bit ergueu uma sobancelha.

— Bonito esse seu machucado, hein, moleque.

Pus a mão na bochecha com certo receio.

— É mesmo?

Two-Bit fez que sim, com um ar experiente.

— O cabelo também ficou irado. Te deixou com cara de durão.

“Durão” e “irado” são coisas bem diferentes. “Durão” é a mesma coisa que forte; “irado” significa bacana, legal — que nem um Mustang irado, um disco irado. No nosso bairro, as duas palavras são elogios.

Steve bateu as cinzas perto de mim.

— O que é que você estava fazendo, andando por aí sozinho?

Tinha que ser o Steve para puxar esse assunto.

— Eu tinha saído do cinema e estava voltando pra casa. Não pensei que...

— Você nunca pensa. — Darry se meteu na conversa. — Não pensa em casa, nem em lugar nenhum que importa.